



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação**

**OH...TINDOLELÊ, OH TINDOLALÁ, DEIXE A CAIXA BATER, DEIXE  
O CONGO ROLAR - CONTRIBUTOS DE INFÂNCIAS EM  
MEMÓRIAS AFRODESCENDENTES**

<sup>1</sup>Márcia Araújo Souza Beloti

<sup>2</sup>Marina Rodrigues Miranda

<sup>3</sup>Nívia Cardoso Santos

**Resumo:** Este estudo é um contributo de crianças em pesquisa de inspiração etnográfica. O corpus de investigação é compreender as relações de identidades afrodescendentes produzidas por um grupo de crianças – pesquisadores juniores em experiências com os saberes de congo. Importa compreender, se nos celeiros de congos visitados por elas, propagou-se em suas construções discursivas com os intelectuais orgânicos da cultura, memórias de historicidades africanas.

**Palavras-chave:** Congo; Infâncias; Memórias afrodescendentes.

---

<sup>1</sup>Especialista em Educação Profissional e Tecnológica, Professora nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal da Serra/ES. E-mail: marcia.a.beloti@hotmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Educação e Diversidade, Professora na Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: marinarmiranda@gmail.com

<sup>3</sup>Licenciada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: niviacardoso.15@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

### **Introdução**

Nos últimos anos os nossos desafios se debruçam em compromissos éticos educativos, distanciando-se dos esquadros de pensar as aprendizagens tangidas ao currículo instituído envoltos a temporalidades neutras e abstratas, configurando saberes disciplinares, para construir um currículo ativo, em que os sujeitos são autores dos seus saberes, construídos coletivamente em situação e atos.

Este artigo é resultante de umas destas aprendizagens; relata uma experiência sensível em que um grupo de crianças – pesquisadores juniores, em encontro de saberes, partilhando experiências, memórias e narrativas com um Mestre de congo Deivid e com a presidente da ABC – Associação de Bandas de Congo da Serra no estado do Espírito Santo, exercitaram cidadanias cidadinas como intelectuais orgânicos da cultura em seus saberes de congo, uma herança cultural de quilombos que são repercutidos em toadas de tambores e casacas pelos remanescentes de identidade africana. O que desejávamos era a busca de proximidade com o saber local propagado na cultura, que por este viés envolve grupos de pessoas que compartilham crenças, costumes, histórias, ideologias e pensamentos; e estes grupos possuem suas particularidades.

O que almejávamos era construir sentimentos de pertencças e relação de alteridade em identidade as práticas congueiras, implicando o grupo de crianças nos campos de memórias ancestrais, para descobrirem as motivações culturais que movem estes sujeitos a causa congueira. Iturra considera que:

Todo o grupo social precisa de transmitir a sua experiência acumulada no tempo à geração seguinte, como condição da sua continuidade histórica. O facto de os membros individuais do grupo estarem sempre a renovar-se, seja pela morte, seja pelo nascimento, dinamiza a necessidade de que essa experiência acumulada, que se denomina saber e existe fora do tempo individual, fique organizada numa memória que permaneça no tempo histórico (ITURRA, 1994, p. 29)).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O propósito destes escritos é exatamente trazer à pauta questões pertinentes da experiência acumulada que foram dialogadas. Soma-se a este propósito a riqueza da Lei 10.639/2003 que orienta ao exercício da valorização étnica nas historicidades da cultura africana e afro-brasileira, no caso da pesquisa, este linear perpassa pelos solfejos de Congo.

A problemática a ser pesquisada eram as relações de identidades no exercício cultural de aprendizagens congueira. Buscou-se valorizar os sujeitos em implicação com seu lugar de pertencimento. A importância da reflexão é a constituição de subjetividades vitalizados pelos legados identitários, mobilizadas nas experiências das crianças, com as pluralidades das práticas congueiras, nas diferentes experiências dos agentes sociais desta cultura. Para tal, era importante trazer para os pesquisadores juniores, um pouco de conhecimento do território.

#### **Africanidades da Serra**

O município da Serra em sua emblemática construção histórica, traz em seus meandros, as nossas africanidades. A região montanhosa, que cerca a cidade de um lado a outro, foi propícia aos africanos em suas tramas de liberdade. Há que se imaginar que o monte elevado pode ter servido de quilombo aos nossos ancestrais. Souza (apud MIRANDA, 2007, p.35), em conversa com um morador antigo da Serra, orienta a esta possibilidade imaginativa, vejamos:

O Mestre Álvaro é o mais importante ponto de referência da Serra, desde tempos da escravidão, os escravos que ali viviam, vigiavam dos pontos altos quem chegava e saía, eles ficavam lá de cima cantando com seus tambores, bem baixinho, que era para o povo daqui não escutar. (SOUZA, 2005, p.148)

No avesso da “história oficial”, abrimos uma fresta para pensar que as lutas da população negra eram comemoradas com batuque, onde encarnava-se os valores civilizatórios das diversas regiões daquela população. Era no “festar de congo” em que os sujeitos se uniam na alegria e na dor, em comunalidade. Por este propósito, a mítica se perpetua.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Esta trama de saberes culturais, foram reerguidas ao longo dos tempos, e na contemporaneidade, os romeiros e festeiros tomam as ruas e arrolam o legado de congo na mítica que reverenda o santo preto na cortada, arrastada, puxada e fincada do mastro, apoderando a Serra e seus cidadãos na identidade congueira, abrigando o maior número de bandas de Congo do Espírito Santo.

Contar e (re) contar as historicidades afrodescendentes em processos ativos de recuperação da memória social, faz parte do cotidiano dos ativistas culturais serranos, que encarnam a vida enraizados nesta territorialidade.

No exposto, planejamos como um dos nossos itinerários de pesquisa, estar com as crianças em vivências de congos, e observá-las em construção e/ou ressignificação cultural, mantendo suas narrativas em seus próprios termos em seus exercícios de pertencimentos.

Consideramos as crianças em suas feitura e artesanias de infâncias, como sujeitos culturais competentes. Sendo assim, importou neste tratado discursivo de sociabilidades apreender os *modus operandi* destes sujeitos ao engendrar-se a “cultura alheia” em suas formas afirmativas de emancipação.

Acentuamos as narrativas das crianças com os seus interlocutores em uma oficina artesanal em que se constroem as casacas do congo, e na dinâmica do trabalho manuseá-las para sentir a sonoridade. Este momento constituiu-se em encantamento coletivo na descoberta dos “artesãos congueiros” – Deivid e Terezinha, artífices culturais que protagonizaram a prosa no barracão das casacas, no festivo mês de agosto.

As crianças olhavam para os quatro cantos do galpão, observando as artesanias instrumentais da marcenaria do congo, ao mesmo tempo expiavam os instrumentos expostos, como se aguardando para manuseá-los. Terezinha Miranda propõe a um dos anfitriões, o Mestre Deivid, para que toque uma ladainha de congo. A veia congueira do grande Mestre do Congo Mirim de Pitanga ecoa aos quatro ventos, sacudindo o grande Mestre Álvaro. As crianças ficam paralisadas, quando o ambiente ao redor se inundou em sons da casaca, as africanidades arrepiaram. Os legados da ancestralidade repercutiram no imaginário das crianças, a pertença e a



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

identidade de ser partícipe de uma banda de congo mirim, veio à tona. As crianças na imersão cultural congueira exercitavam a “escuta sensível” (Barbier), apropriando-se do repertório:

***Quebra-quebra Gabiroba***

*Ó quebra-quebra Gabiroba*

*Eu quero ver quebrar*

*Ó quebra lá que eu quebro cá*

*Eu quero ver quebrar.*

*Ó quebra-quebra Gabiroba*

*Eu quero ver quebrar*

*Ó quebra lá que eu quebro cá*

*Eu quero ver quebrar*

*Aqui não tem, aqui não há*

*É na Bahia onde eu vou achar*

*Aqui não tem, aqui não há*

*É na Bahia onde eu vou achar*

*Ó quebra-quebra Gabiroba*

*Eu quero ver quebrar*

*Ó quebra lá que eu quebro cá*

*Eu quero ver quebrar.*

*Ó quebra-quebra Gabiroba*

*Eu quero ver quebrar*

*Ó quebra lá que eu quebro cá*

*Eu quero ver quebrar.*

Domínio Público

Na cantoria coletiva percebeu-se o envolvimento, dando-nos a ver e a escutar, o observar e o absorver da cultura do congo pelas crianças. A cantoria entevia-se a nós adultos a uma África de outrora, África festiva de um povo a viver em liberdade, emergindo o outro lado da história, diferente da visão implementada pela cultura social, absorta em todas as formas de conhecimento, evidenciando o racismo científico, artístico e literário.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Já para as crianças, o arremedo rítmico, das trovas marcadas, os atraiu na bricolagem com a melodia e a harmonia em um coroar de ritmos, de “reis e madrinhas do congo”. Produziu-se neste curto e valioso espaço de tempo um contributo cultural - a enunciação da cantoria, em ladainha expressiva e extensiva na corporeidade, em suas diversas linguagens, revelando consciências sociais em um só coro, um só corpo:

[...] expostos nas marcas-falantes das relações sociais, étnicas, raciais e de gêneros. [...] cada corpo coletivo tem suas falas e significados, uma visão extremamente positiva e interrogante dos corpos presentes neste texto. (ARROYO; SILVA, 2012)

O processo de conhecimento foi concretizado na corporeidade, na gestualidade rítmica como objeto de reflexão. No âmbito da pesquisa com crianças, toda riqueza de experiência está sujeita a análise, por vezes; o lúdico, parte do repertório da criança, não se justifica por si mesmo, a análise tem que ser provocada em/na experiência social, Le Breton (2011, p.41) complementa, “[...] de fato a descrição minuciosa dos gestos não é fácil ser apreendida na trama das palavras”.

Sendo assim, fomos capturando a motricidade sígnica, constituindo subjetividades que se desvelavam nos episódios interativos nas culturas de pares (entre elas - criança-criança e entre crianças e os adultos), apreendendo na gestualidade elementos de significação que correspondesse aos espaços de pertencimentos na tradição, assinalando os encontros identitários nas narrativas, incitados nas performances do “Mestre e da Mestra”.

Pensar o ser social no tempo lúdico é pensar um corpo-brincante, isto é, aquele que, de forma revolucionária e emancipatória expressa-se no tempo-espaço em atos criativos, por vezes subvertendo a ordem. Por exemplo, mesmo que o mestre congueiro concretamente não autorizasse as crianças a se sentirem no congo, tocadas pela musicalidade, arrebatariam as casacas para si, ensaiando a sonoridade, tentando “quebrar a gabirola” ritmando a paleta, lá e cá.



I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

*Allegretto* (♩ = 108)

Quebra, quebra, Ga-bi-  
ro-bá, eu quero ver quebrar, Quebra  
lá quem quebra cá, Eu quero ver quebrar  
Quebra, ver quebrar. —

Notação

Musical –

João Ribas Costa (1948-1950)

### Batidas de Congo – experiências infantis

O previsível aconteceu, visibilizou-se aos nossos olhos corpos infanto-juvenis encarnados no congo, pleiteando maestria, querendo superar o mestre, querendo ser quase o outro, entremeados aos brincados, exercitando cantorias das toadas congueiras em primeira-segunda-voz, construindo novas culturas em múltiplas possibilidades de descobertas, apropriação, interpretação e transformação deste bem cultural ancestral.

E as ladainhas foram se reconstruindo. E como nosso trabalho se concretiza pelas escritas de campo das crianças, por ter como metodologia a etnografia como processo de análises e escritas leitoras das crianças, para que interajam em seus pontos de vista sobre o *lócus* estudado. Eis as literácias:



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Quebra, quebra gabirola  
Eu quero ver quebrar  
Ô quebra lá que eu quebro cá  
Eu quebro ver quebrar  
Aqui não tem, aqui não há  
É na Bahia onde eu vou achar  
(2x)

Essa é a música que nós cantamos, era bem empolgante e alegre. Quando nós tocamos eu senti como se eu também fizesse parte daquela festa, como se todos nós fôssemos congueiros de verdade e se estivéssemos tocando de coração, por amor ao congo, eu senti aquilo quando tocamos. Depois Terezinha nos levou para uma salinha, onde passou um CD de uma banda mirim tocando e ela tinha razão, elas cantavam como gente grande, e era lindo o jeito como eles tinham jeito com a casaca. Depois nos despedimos, agradecemos e fomos embora, satisfeitos por mais uma visita interessante.

Ana Clara, notas de campo, 26 de agosto de 2016.

Percebemos que mesmo nas diferenças os diálogos se cruzam e se mesclam, consta-se assim, que os sujeitos se intercambiam interculturalmente no concílio da sua cultura particular mediadas por suas visadas de mundo. Assim, Ana Júlia, intermedeia suas escritas com Ana Clara, por outro viés:

Hoje eu aprendi uma coisa que eu nunca achei que iria fazer. Tocar casaca! Eu aprendi mas ainda falta um pouco para chegar aos pés do David. O David é um mestre de congo, o que eu soube é que ele é um mestre de Congo Mirim, congo mirim é o congo das crianças, e apesar de serem crianças são muito boas, elas tocam muito bem e cantam muito bem! Elas tocam bem mais do que eu! Kkk





**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A Terezinha, a filha do Mestre Antônio Rosa, ela nos ensina muito bem de um jeito que todos entendem, nós também cantamos músicas do congo. David falou que algumas crianças não conseguem tocar e cantar ao mesmo tempo e nós conseguimos. No começo eu achei que iria ser difícil, mas depois nós vimos que não era tão difícil! Tinham casacas de todos os tamanhos: pequenos, médios e grandes, e uma enorme. Eu toquei uma miudinha nº 2, ela fazia um som bem legal mesmo sendo menor. EU AMEI O ENCONTRO DE HOJE!

Ana Júlia, notas de campo, 26 de agosto de 2016.

Constatamos que toda ação causa reação e o que se constituiu nos arremedos dialógicos, foi o coroar de autorias congueiras.

Neste escopo de pesquisas, reflexões situadas foram postas em causa. Os sujeitos-crianças são seres competentes e agenciam seus pertencimentos culturais, instaurando novas ações educativas no exercício do patrimônio cultural. Diante do exposto, ressaltamos a importância da pesquisa com crianças, mas não da criança, e sim com elas, a fim de potencializar as possibilidades de construção de conhecimento acerca das observações sobre os saberes do congo, do ponto de vista das crianças que aqui são sujeitos de pesquisa, produzindo conhecimentos acerca do que se propõe investigar.

Para Ferreira (2008), reconhecer as crianças como sujeitos “[...] é adotar uma concepção de pesquisa *com* crianças em que elas são vistas como *atores sociais* implicados nas mudanças e sendo mudados nos mundos sociais e culturais em que vivem [...]” (FERREIRA, 2008, p. 149), sendo protagonistas e compreendendo as suas próprias experiências.

Por este viés (MIRANDA, 2007, p. 136) aponta que “A cultura se projeta na identificação e no pertencimento”, a partir das ressignificações dos processos sociais que se estabelecem por meio das vivências cotidianas.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Estas vivências são legitimadas na ação dos sujeitos culturais que perpetuam a cultura de seus ancestrais por meio do contar, encantar e cantar; em consonância Miranda (2016) argumenta que:

Estas histórias são transmitidas através dos tempos, sintetizam a cultura de um povo, toda essa simbologia vai dando sentido às coisas do mundo, misturando fatos reais e históricos e reavivando as memórias de nossos ancestrais e nesta proposição vamos constituindo subjetividades. É quando nossas escolhas vão fazendo sentido, estudar autorias de crianças por etnografia, não se deu em uma prática vã, foram atravessadas por cosmogonias africanas das crianças do Congo Mirim, foi, **Oh Tindolelé... Oh Tindolalá..., deixa a caixa bater, deixe o congo rolar**, que me fez ser a mulher pesquisadora de cultura de infâncias negras.

Notas da memória de mini-curso no Sepex – UNEB - BA, 11 novembro 2016.

E neste caminho de construção de pesquisa com crianças, o próximo tempo será outro, o de quebrar a gabioba.

### **Referências**

ARROYO, Miguel G.; SILVA, Mauricio Roberto da. (Orgs.). **Corpo Infância: exercícios tensos de ser criança; por outra pedagogia**. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

BARBIER, R. **A escuta sensível na abordagem transversal**. In BARBOSA, Joaquim (Coord). *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p.168-199.

Estação Capixaba. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/>. Acesso em: 24 nov. 2016. COSTA, João Ribas da (notação musical). *Cantigas de roda*. Vitória: Vida Capichaba, 1948 e 1950. (v. 1 e 2).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

FERREIRA, Manuela Martinho. **A gente gosta de brincar com outros meninos! Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância.** Edições Afrontamentos, 2004, Porto, Portugal.

ITURRA, Raul. **O processo educativo: ensino e aprendizagem?** In Revista Educação, Sociedade & Culturas, nº 1, Afrontamento, Porto, (pp.29-50). 1994. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/pagina1.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Tradução de Sonia M.S.Fuhrmann. 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MIRANDA, Marina Rodrigues. **Leituras de imagens: da Casaca à Konshaça – mediações na particularidade do enredo cultural serrano, na formação de professores em educação à distância.** Vitória, 2007. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo.

\_\_\_\_\_. **“A gente tem história de jacu...” Literatura infantil, narrativas de infâncias em Diálogos identitários.** XIV Congresso Internacional Abralic, UFPA, Belém – PA, Anais do Evento, jul. 2015.

SOUZA, Edileuza Penha. **Tamborizar: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual da Bahia. Salvador. 2005.

---